Violência facilitada pela tecnologia contra meninas e mulheres: panorama global dos impactos e manifestações da violência em ambientes digitais

Technology-facilitated violence against girls and women: a global overview of impacts and manifestations of violence in digital environments

Violencia facilitada por la tecnología contra niñas y mujeres: un panorama global de los impactos y manifestaciones de la violencia en entornos digitales

Priscilla Paiva Gê Vilella dos Santos,
Maria Teresa Rossetti Massari e
Maria Auxiliadora Souza Mendes Gomes

Resumo: Este artigo apresenta uma síntese de publicações da ONU Mulheres sobre violência facilitada pela tecnologia contra meninas e mulheres, e apresenta de forma mais detalhada o relatório recém-publicado *Tipping Point: Online Violence Impacts, Manifestations and Redress in the AI Age.* Define-se o conceito de violência facilitada pela tecnologia e suas principais manifestações, bem como sua natureza desproporcionalmente dirigida a meninas e mulheres. Os dados mostram que a violência facilitada pela tecnologia contra mulheres na vida pública gera graves impactos na saúde mental, na liberdade de expressão, na segurança e participação pública, no acesso à justiça, além de revelar o crescimento alarmante de novas formas de abuso facilitadas por inteligência artificial, como *deepfakes* e compartilhamento não consensual de imagens.

Palavras-chave: Violência de gênero; tecnologia digital; inteligência artificial; saúde mental.

Abstract: *This article presents a synthesis of UN Women publications on technology-facilitated violence against girls and women and provides a detailed overview of the recently published report* Tipping Point: Online Violence Impacts, Manifestations and Redress in the AI Age. *It defines the concept of technology-facilitated violence and its main manifestations, as well as its disproportionately targeted nature against girls and women. The data show that technology-facilitated violence against women in public life generates severe impacts on mental health, freedom of expression, safety and public participation, and access to justice, while also revealing the alarming growth of new forms of abuse facilitated by artificial intelligence, such as deepfakes and non-consensual image sharing.*

Keywords: *Gender-Based Violence; Digital Technology; Artificial Intelligence; Mental Health.*

Resumen: *Este artículo presenta una síntesis de publicaciones de ONU Mujeres sobre la violencia facilitada por la tecnología contra niñas y mujeres, y ofrece un panorama detallado del informe recién publicado Tipping Point: Online Violence Impacts, Manifestations and Redress in the AI*

Age. Se define el concepto de violencia facilitada por la tecnología y sus principales manifestaciones, así como su naturaleza desproporcionadamente dirigida contra niñas y mujeres. Los datos muestran que la violencia facilitada por la tecnología contra las mujeres en la vida pública genera graves impactos en la salud mental, la libertad de expresión, la seguridad y la participación pública, y el acceso a la justicia, además de revelar el crecimiento alarmante de nuevas formas de abuso facilitadas por la inteligencia artificial, como los deepfakes y el intercambio no consensuado de imágenes.

Palabras clave: *Violencia de Género; Tecnología Digital; Inteligencia Artificial; Salud Mental.*

Introdução

A violência facilitada pela tecnologia se configura como um problema global e observa-se que afeta de maneira desproporcional meninas e mulheres no mundo. Esse tipo de violência se refere a qualquer ato cometido, auxiliado, agravado ou amplificado pelo uso de tecnologias de informação e comunicação ou outras ferramentas digitais que resulte ou possa resultar em danos físicos, sexuais, psicológicos, sociais, políticos ou econômicos, além de outras violações de direitos e liberdades.

Embora não seja um fenômeno recente, a presença da tecnologia cada vez maior no cotidiano ao longo dos últimos anos tem contribuído para a transformação e ampliação dessa forma de violência no ambiente digital. E, nesse contexto acaba se configurando como uma forma de discriminação de gênero e violação dos direitos humanos, impulsionada por desequilíbrios de poder, pelo patriarcado e pela misoginia, inserindo-se em um contínuo de múltiplas formas inter-relacionadas de violência de gênero.

Além de agravar manifestações já existentes, como assédio sexual, perseguição, discurso de ódio, desinformação, difamação e falsificação de identidade, esse tipo de violência cria e incorpora novas dinâmicas e formas de abuso, como as invasões de sistemas ("*zoom bombing*"), manipulação de opinião pública, abuso baseado em vídeos, imagens, incluindo *deepfakes* (conteúdos sintéticos - vídeos, áudios ou fotos - criados com inteligência artificial, capazes de manipular rostos e vozes), *doxing* (prática de coletar e publicar informações privadas ou de identificação pessoal de alguém na internet sem consentimento), cyberbullying e aliciamento online, dentre outros, ampliando os riscos e as consequências para a segurança, o bem-estar e a participação social, política e econômica de meninas e mulheres.

A ONU Mulheres entende que embora muitos outros termos – como violência em ambiente digital ou violência online – sejam comumente usados, "violência facilitada pela tecnologia" reflete melhor como a tecnologia pode causar danos, tanto online quanto offline. O *doxing*, por exemplo, pode levar a consequências na vida real, como perseguição, ameaças e até violência física. O abuso de *deepfakes*, podem resultar em danos à reputação offline, com efeitos duradouros e devastadores na vida da pessoa. Esses exemplos mostram que o dano muitas vezes permeia ambos os espaços - online e offline.

Em uma publicação feita pela organização em novembro de 2025, foram sistematizadas algumas perguntas frequentes sobre o tema. O material aborda essas diferentes manifestações de violência em ambiente digital, além de apresentar dados globais feitos a partir de pesquisas sobre a dimensão desse fenômeno ao redor do mundo e discutir a importância de estratégias

de prevenção, proteção e responsabilização nos ambientes digitais, traduzidos a seguir neste artigo. Além disso, a publicação traz um conjunto de outros documentos e referências ao final.

Quantas meninas e mulheres sofrem violência facilitada pela tecnologia?

Milhões de meninas e mulheres são afetadas por abusos digitais e violência facilitada pela tecnologia todos os anos. Estudos sugerem que entre 16% e 58% das mulheres já sofreram esse tipo de violência e dados de diferentes regiões confirmam que ocorre em todos os lugares.

- **Estados Árabes**: 60% das mulheres usuárias da internet já sofreram violência online.
- **Europa Oriental e Ásia Central**: uma pesquisa realizada em 12 países revelou que mais de 50% das mulheres com mais de 18 anos já sofreram algum tipo de abuso facilitado pela tecnologia ao longo da vida.
- **África Subsaariana**: Um estudo realizado em cinco países revelou que 28% das mulheres sofreram violência online.
- **Europa e EUA**: Uma pesquisa com mulheres de 18 a 55 anos na Dinamarca, Itália, Nova Zelândia, Polônia, Espanha, Suécia, Reino Unido e EUA revelou que 23% delas relataram pelo menos uma experiência de abuso ou assédio online.

Quais são as formas mais comuns de abuso digital e violência facilitada pela tecnologia contra mulheres e meninas?

O assédio sexual e a perseguição são as formas mais comuns de violência facilitada pela tecnologia sofridas por meninas e mulheres. Abuso baseado em imagens (compartilhamento de fotos íntimas sem consentimento), mensagens indesejadas, publicações em redes sociais e ligações telefônicas são as táticas mais frequentes de assédio sexual. As mulheres podem ser assediadas em plataformas digitais, em seções de comentários, bombardeadas com mensagens explícitas e rastreadas por GPS e aplicativos de localização, o que desencadeia um pesadelo digital que muitas vezes se estende para suas vidas offline.

Outras formas de abuso que comumente enfrentam incluem o cyberbullying, discurso de ódio, exploração sexual, difamação, compartilhamento de imagens íntimas, extorsão sexual e pornografia de vingança.

As ferramentas e plataformas que os agressores usam para causar danos a mulheres e meninas variam de smartphones, computadores, salas de bate-papo, redes sociais, sites de jogos online, rastreadores GPS e plataformas de streaming de vídeo.

Quem corre maior risco de sofrer abusos digitais e violência contra mulheres facilitada pela tecnologia?

Embora todas as mulheres e meninas possam sofrer abuso digital, violência online ou violência de gênero facilitada pela tecnologia, alguns grupos correm maior risco.

- **Mulheres e meninas jovens**: Dado que as meninas e as mulheres jovens são mais propensas a usar a tecnologia para aprender, acessar informações e se conectar com seus pares, elas também enfrentam maior exposição à violência online. Um estudo global constatou que 58% das meninas e mulheres jovens já sofreram algum tipo de assédio online.

- **Mulheres que enfrentam múltiplas formas de discriminação:** Mulheres com deficiência, mulheres negras e indígenas e outras mulheres de cor, mulheres migrantes e pessoas LGBTIQ+ enfrentam riscos maiores de violência digital.
- **Mulheres na vida política e pública**: Defensoras dos direitos humanos, ativistas, jornalistas e legisladoras enfrentam taxas crescentes de violência tanto online quanto offline . Um estudo da UNESCO revelou que 7% das jornalistas sofreram violência online no exercício de suas funções. A União Interparlamentar constatou que 1 em cada 3 parlamentares na região da Ásia-Pacífico sofreu ataques online. Mais recentemente foi publicado um relatório com essa ênfase, que será abordado ao final do artigo.

Como impedir o abuso digital e a violência contra as mulheres facilitada pela tecnologia?

1. **Aprimorar a cooperação** entre governos, o setor tecnológico, organizações de direitos das mulheres e a sociedade civil para fortalecer as políticas de proteção às mulheres e prevenir a violência.

2. **Preencher as lacunas de dados para** melhorar a compreensão das causas dessa violência, o perfil dos agressores e para orientar os esforços de prevenção e resposta.

3. **Desenvolver e implementar leis e regulamentos com** a participação de sobreviventes e organizações de mulheres.

4. **Responsabilizar a indústria tecnológica** através do estabelecimento de padrões de transparência e prestação de contas em relação à violência digital e ao uso de dados em plataformas digitais.

5. **Integrar a cidadania digital e o uso ético de ferramentas digitais** nos currículos escolares para promover uma cultura de respeito e empatia tanto online quanto na vida real. Sensibilizar jovens — especialmente meninos e jovens adultos — cuidadores e educadores sobre comportamento online ético e responsável.

6. **Capacitar mulheres e meninas para participar e liderar** no setor de tecnologia, a fim de contribuir para o desenvolvimento e uso de ferramentas e espaços digitais seguros e livres de violência.

7. **Transformar normas sociais prejudiciais**, promovendo masculinidades positivas e combatendo narrativas nocivas e misóginas, inclusive por meio do uso da tecnologia e da inteligência artificial.

8. **Garantir que as entidades dos setores público e privado** priorizem a prevenção e a eliminação da violência digital, por meio de abordagens de design baseadas nos direitos humanos, segurança desde a concepção e investimentos adequados.

A postagem também compartilha ações a ONU Mulheres tem desenvolvido para combater a violência contra mulheres e meninas facilitada pela tecnologia, pressionando por leis que protejam meninas e mulheres, preenchendo lacunas de dados, adaptando os serviços de apoio às sobreviventes e trabalhando com homens e meninos para desafiar estereótipos de gênero e discriminação. É possível ver de forma mais detalhada acessando a matéria.

Mais recentemente, em abril de 2026, foi publicado um relatório, também da ONU Mulheres, que é a segunda parte da série Tipping Point e examina como a violência online contra

mulheres na vida pública está se tornando mais sofisticada tecnologicamente, mais invasiva e mais prejudicial na era da inteligência artificial (IA)



Fonte: ONU Mulheres

Com o título "*Tipping Point: Online Violence Impacts, Manifestations and Redress in the AI Age*", o relatório investiga a violência online direcionada a mulheres na vida pública, com foco em jornalistas, defensoras dos direitos humanos, ativistas, escritoras e outras comunicadoras públicas, o estudo mostra como a violência facilitada pela inteligência artificial, incluindo *deepfakes*, imagens/vídeos sexuais manipulados e outras formas de abuso baseado em imagens, está intensificando padrões existentes de assédio e restringindo a participação das mulheres na vida pública.

Os dados são derivados de uma pesquisa global comissionada pela ONU Mulheres, distribuída no final de 2025 em cinco idiomas (árabe, inglês, francês, português e espanhol), em parceria com a UNESCO e o Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ).

Metodologia do estudo

A pesquisa foi realizada entre 27 de agosto e 13 de novembro de 2025. Adotou-se o método de amostragem intencional, com técnicas de amostragem em bola de neve para gerar respostas nos campos internacionais de defesa dos direitos humanos, ativismo e jornalismo. Os resultados, portanto, não são generalizáveis, embora seja legítimo extrapolar padrões que podem ter aplicabilidade mais ampla.

Para garantir a integridade dos dados e evitar respostas inválidas, a pesquisa foi distribuída digitalmente por meio das redes confiáveis da ONU Mulheres, UNESCO e ICFJ, além de organizações da sociedade civil focadas em igualdade de gênero, desenvolvimento de mídia, segurança jornalística e grupos representativos profissionais.

Após a remoção de respostas inválidas, a pesquisa gerou 1.588 respostas para análise. Para este relatório, as estatísticas foram calculadas com base nas respostas de participantes que responderam a todas as perguntas-chave, gerando uma amostra de 874 respondentes que se identificam como mulheres (641), homens (210), não binários (9), autodescritos ou que selecionaram "prefiro não dizer" (14). Considerações éticas resultaram na maioria das perguntas sendo opcionais, e algumas permitiam múltiplas seleções. Assim, o número de respostas varia entre as perguntas, e as proporções não necessariamente somam 100%.

A pesquisa foi supervisionada por pesquisadores acadêmicos afiliados à City St George's, da Universidade de Londres, que concedeu aprovação ética para o projeto. Foi refinada e testada em consultoria com um conselho consultivo internacional de 22 profissionais, acadêmicos, representantes de organizações intergovernamentais, entidades da sociedade civil e formuladores de políticas.

Principais resultados

- **Abuso baseado em imagem:** 12% das respondentes experimentaram o compartilhamento não consensual de imagens pessoais (incluindo de natureza sexual ou íntima), enquanto 6% foram alvo de *deepfakes*. Entre escritoras e outras comunicadoras públicas, 15% relataram compartilhamento não consensual de imagens e quase 10% sofreram abuso relacionado a *deepfakes*. Além disso, 27% de todas as mulheres foram alvo de avanços sexuais indesejados via mensagem direta (ex.: *cyberflashing*).
- **Impactos na saúde mental:** 24% das mulheres relataram ter sido diagnosticadas ou tratadas para ansiedade e/ou depressão ligadas à violência online, e 13% experimentaram Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Entre escritoras, os índices foram de 39% para ansiedade/depressão e 22% para TEPT.
- **Efeito inibidor:** 41% das entrevistadas afirmaram que a violência online as levou à autocensura nas redes sociais, e 19% relataram autocensura no trabalho. Entre jornalistas e trabalhadoras da mídia, a taxa de autocensura nas redes sociais subiu de 30% em 2020 para 45% em 2025 – um aumento de 50%.
- **Reparação Legal:** 25% das mulheres que sofreram violência online relataram a experiência à polícia, e 15% iniciaram ação legal contra agressores, facilitadores (como empresas de tecnologia) ou seus empregadores. Em comparação com 2020, jornalistas e trabalhadoras da mídia mais que dobraram as taxas de denúncia à polícia (de 11% para 22,4%) e aumentaram significativamente a iniciativa de ação legal (de 8% para 14%).
- **Barreiras na Justiça:** Das que denunciaram à polícia, apenas 10% afirmaram que acusações foram efetivamente apresentadas contra os agressores. 27% relataram relutância ou recusa da polícia em investigar, e 24% experimentaram tratamento que perceberam como culpabilização da vítima, incluindo perguntas como “O que você fez/disse para provocar o abuso?”.

Embora o relatório ofereça contribuições valiosas ao documentar a escalada da violência online contra mulheres na vida pública, especialmente no contexto da IA generativa, o que é bastante contemporâneo, algumas limitações metodológicas impõem cautela na interpretação dos dados.

A principal fragilidade está no método de amostragem. O uso de amostragem intencional combinada com bola de neve, embora justificável para populações de difícil acesso, invalida pretensões de generalização estatística. Outra limitação concerne à operacionalização de conceitos. A definição ampla de “violência online” agrupa fenômenos de gravidade dramaticamente distinta, desde comentário misógino isolado até a simulação de estupro via *deepfake,* sob uma mesma “rubrica estatística”. Isso pode comprometer a capacidade de dimensionar adequadamente as consequências mais severas.

O relatório também deixa para publicações futuras uma análise estrutural do papel das grandes empresas de tecnologia, tratadas apenas como “facilitadoras”, o que pode limitar as recomendações, que permanecem focadas em responsabilização individual.

Ainda assim, é um documento de *advocacy* poderoso e necessário, e, apesar das limitações apontadas, é um instrumento interessante para se pensar a violência de gênero na era digital. Embora seus números não sejam generalizáveis, eles indicam direções claras e

urgentes: o aumento expressivo da autocensura entre jornalistas, os alarmantes índices de impactos na saúde mental, e a emergência do abuso via IA como fenômeno em expansão.

O relatório tornar visível aquilo que frequentemente permanece invisível, que são os ataques que ocorrem no ambiente digital, mas que produzem consequências reais no corpo, na psique e na carreira das mulheres. Soma-se a isso, o fato de ao replicar perguntas da pesquisa de 2020, oferece uma análise longitudinal que, ainda que com limitações, sinaliza tendências que não podem ser ignoradas.

Para pesquisadores, formuladores de políticas e ativistas, o documento pode servira como um "mapa preliminar" de um território ainda pouco compreendido. Não oferece respostas definitivas, mas aponta caminhos possíveis para enfrentar algumas das consequências. E em um campo marcado pela escassez de dados, pela rápida transformação tecnológica e pela urgência política, o relatório organiza o conhecimento disponível, mobiliza evidências e aponta caminhos para investigação futura.

Referências

UN Women. Digital abuse, trolling, stalking and other forms of technology-facilitated violence against women [FAQ]. New York: UN Women.

UN Women. Intensification of efforts to eliminate all forms of violence against women: report of the Secretary-General 2024. New York: UN Women; 2024.

UN Women. Violence against women in the online space. New York: UN Women; nov 2021.

UN Women. The dark side of digitalization: technology-facilitated violence against women in Eastern Europe and Central Asia. New York: UN Women; nov 2023.

Association for Progressive Communications (APC). Alternate realities, alternate internets: African feminist research on feminist internet. Johannesburg: APC

Amnesty International. Amnesty reveals alarming impact of online abuse against women [press release]. London: Amnesty International; nov 2017.

UN Women. Technology-facilitated violence against women: taking stock of evidence and data collection. New York: UN Women; abr 2023.

Plan International. Free to be online? London: Plan International.

UN Women. Technology-facilitated violence against women: taking stock of evidence and data collection. New York: UN Women; abr 2023.

United Nations. Intensification of efforts to prevent and eliminate all forms of violence against women and girls: report of the Secretary-General (A/76/218). New York: UN; 2021.

UNESCO. The chilling: global trends in online violence against women journalists. Paris: UNESCO; 2021.

Inter-Parliamentary Union (IPU). Sexism, harassment and violence against women in parliaments in the Asia-Pacific region. Geneva: IPU; 2025 mar. 81 p.

UN Women. [Título não identificado na URL]. New York: UN Women.

Posetti J, Williams K, Hellmueller L, Renaud P, Shabbir N, Aboulez N. Tipping point: online violence impacts, manifestations and redress in the AI age. New York: UN Women; 2026 abr.